AS FACES DE UM MUNDO GRANDE E DESENCANTADO: UMA VISÃO PSÍQUICA DO EU-LÍRICO NA POESIA DE DRUMMOND

Jozelma de Oliveira Ramos *

Resumo

Desde o eu-lírico fragmentado de *Infância*, passando pelas “*Sete faces*” da multiplicidade do sujeito, até o lacunar “*Mundo Grande*”, desenha-se uma visão psíquica do eu-poético encenado nos referidos poemas de Carlos Drummond de Andrade. Por isso, a partir dessa poética, neste artigo, faz-se uma leitura da impossibilidade da realização do “ser”, que se refugia em outra ordem para vencer o mundo. Nesse sentido, não existe, para esse eu-lírico, uma sensação de “bem-estar”, pois a existência incomoda, ou seja, não há respostas e solução aos seus questionamentos existenciais. O eu-lírico, então, se entrega à necessidade do “excesso”, do vício, para lidar com a “realidade”, o que denota a anormalidade do indivíduo e a sua (in) capacidade de “sublimação”. Portanto, no presente artigo, será feita uma leitura dos referidos poemas com vistas a perceber a multiplicidade da personalidade do sujeito poético, o qual, numa tentativa de autoanálise, supera, por meio da arte, a dor de estar no mundo. Por fim, o eu-lírico vai delinear as marcas de suas referências, ou seja, daquilo que o constituiu como sujeito.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. Poema. Sujeito. Constituição psíquica. Mundo simbólico.

LES FACES D'UN MONDE GRAND ET DÉSENCHANTÉ : UNE VISION PSYCHIQUE DU JE LYRIQUE DANS LA POÉSIE DE DRUMMOND

Resume

D'abord, dès le “je lyrique” fragmenté *d'Enfance*, en passant par les « *Sept faces* » de la multiplicité du « je », jusqu'un « *Grand Monde* » si lacunaire, on dessine une vision psychique par rapport au « être » qui est mis en scène dans ces poèmes de Carlos Drummond de Andrade. Donc, à partir de cette poétique, à propos de cet article, on fera une lecture de l'impossibilité de réalisation de « l'être » dans la poésie de Drummond. Effectivement, ce « l'être » de la poésie de Drummond va se réfugier dans un autre monde psychique. Un monde dans lequel il n'existe pas la sensation de « bien-être » par rapport aux inconvénients de l'existence. Car, bien évidemment, il n'y a aucune réponse ni solution à ces questions existentielles. Le « je lyrique », alors, se rend à « l'excès » et au vice, pour parler de sa « réalité » ; ce qui dénote son anomalie psychologique et aussi son (in) capacité de *sublimation*. Enfin, dans cet article, il sera fait une lecture de ces poèmes de Drummond pour souligner la multiplicité de la personnalité du « je poétique ». C'est pourquoi ce « je poétique », dans une tentative d'auto-analyse, surmonte, par l'art, la douleur de sa réalité. En résumé, le « je lyrique » montrera les marques de leurs références, autrement dit, de ce qui a constitué le « je poétique » comme un individu.

Mots-clés : Carlos Drummond de Andrade. Poème. Être. Constitution psychique. Monde symbolique.

Recebido em: 07/03/2019

Aceito em: 03/04/2019

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - Minas). Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa. Bolsista PDSE/CAPES. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4834-2347>

Est-ce qu'on peut avoir un cœur négatif, une âme en creux ?
 Muriel Barbery, 2006

A poética drummondiana, particularmente, nos poemas “Infância”, “Poema de sete faces” e “Mundo Grande” delinea a imagem de um eu-lírico lacunar em relação ao desenvolvimento de sua “persona”¹, a qual se caracteriza por uma desrealização em relação ao “estar no mundo”. Assim, o eu-poético sinaliza para a experiência humana desde a infância, como o lugar da repressão e do distanciamento, ao mesmo tempo em que se refugia na arte para tentar “sublimar”² suas angústias. Desse modo, o eu-lírico se torna múltiplo, fragmentado em sua formação, “em benefício de um mundo que lhe escapa e o penetra inteiramente” (PALMIER, 1977, p. 23).

A começar pelo poema “Infância”, cujo título denota uma das fases ou “faces”³ mais importantes do desenvolvimento da psique humana, pois, como se sabe, desde o primeiro ano de vida, inicia-se o período no qual ocorre o desenvolvimento da “anatomia evolutiva da personalidade” (MEZER, 1978). Nesse período, então, há a formação do id, do ego e do superego,⁴ fazendo do indivíduo um ser “normal”⁵ que sabe lidar com o mundo e com a sociedade que o rodeia. Logo, o eu-poético, em “Infância”, fala de suas referências, daquilo que o constituiu como sujeito no mundo.

Sendo assim, ao se observar o primeiro verso de “Infância”, qual seja, “meu pai montava a cavalo, ia para o campo” (ANDRADE, 2013, p. 13), percebe-se que aparece, como se vê, a figura do pai. É, pois, interessante notar que, no intercurso fragmentado das memórias da infância, o eu-lírico faça, primeiro, menção ao pai. Lacan (apud PALMIER, 1977), no seminário “La lettre volée”,⁶ demonstra como age o inconsciente em relação às ações e às escolhas humanas. O título do referido seminário dialoga com o conto de Edgar Allan Poe, no qual a “carta”, que foi roubada por diversos personagens, carrega o conteúdo desconhecido que os aflige e domina suas atitudes, simbolizando, assim, metaforicamente, o inconsciente que, embora obscuro, determina todas as ações humanas. Da mesma forma, o eu-lírico está “preso” à figura do pai que, como símbolo da altivez e do distanciamento, marca a subjetividade do eu-poético também nos seguintes versos do “Poema de sete faces”: “meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus/ se sabias que eu era fraco” (ANDRADE, 2013, p. 11).

Como se vê, nesses últimos versos acima citados, o eu poético faz menção à figura bíblica do Cristo, filho de Deus, como aquele que se sente afastado da figura paterna, como em “Infância”, cujo pai também é representado como o indivíduo distante, “que vai para o campo” (ANDRADE, 2013, p. 13). Entretanto, a imagem do pai, no “Poema de Sete faces”, funde-se à

1 Esse conceito é utilizado aqui conforme Luiz Costa Lima, em *Persona e sujeito ficcional* (2002).

2 O conceito de sublimação aqui desenvolvido é tomado conforme MEZER (1978): “sublimação significa simplesmente tomar um caminho intermediário (...)” p.47.

3 Referência ao crítico literário Antônio Carlos Secchin, que considera “Infância” como a “oitava face” drummondiana, depois do *Poema de sete faces*.

4 Como se sabe, os termos, “id”, “ego” e “superego” são atribuídos a Sigmund Freud, considerado o fundador da psicanálise.

5 Aplica-se aqui o termo “normal”, segundo MEZER (1978), não em oposição a “anormal”, mas referindo-se ao equilíbrio psicológico na formação da personalidade humana.

6 Esse conto, de Edgar Allan Poe, foi traduzido por Baudelaire para o francês como “*A carta roubada*”.

própria figura do eu poético, o que nos remete à fase de identificação do complexo de Édipo,⁷ cuja referência do pai, nesse caso, é aquele que não resolveu inteiramente as suas lacunas psíquicas e pouco consegue se comunicar com o outro, ou seja, encontra dificuldades para sair de sua clausura e se colocar no mundo.

O homem atrás do bigode
 É sério, simples e forte.
 Quase não conversa.
 Tem poucos, raros amigos
 O homem atrás dos óculos e do bigode
 (ANDRADE, 2013, p. 11).

O eu-lírico descreve, então, simultaneamente, a si mesmo e ao pai (“O homem atrás do bigode/O homem atrás dos óculos e do bigode”) como seres inadaptados ao mundo, mas, principalmente, a ele mesmo, desde o “Poema de Sete faces” até “Infância”, como o *gauche*.

Quando nasci, um anjo torto
 Desses que vivem na sombra
 Disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida
 (ANDRADE, 2013, p. 11).

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
 Minha mãe ficava sentada cosendo.
 Meu irmão pequeno dormia.
 Eu sozinho menino entre mangueiras
 lia a história de Robinson Crusóé,
 comprida história que não acaba mais
 (ANDRADE, 2013, p. 13).

Desse modo, nos primeiros versos acima, o “anjo torto” denota o indivíduo fora do senso de realidade, que não se relaciona de maneira racional e resolvida com o mundo real, ou seja, que está na ordem da “fantasia”, do “místico” e não na ordem humana, ao mesmo tempo em que, reportando-se ao poema de Baudelaire,⁸ vê-se a impropriedade do poeta no mundo. Nos últimos, em meio ao distanciamento do pai e à passividade da mãe e do irmão, o eu-lírico prefere o isolamento, a solidão, o não relacionamento interpessoal e, ao mesmo tempo, a “sublimação”,⁹ na arte, na literatura.

Em “Mundo Grande”, o eu lírico continua a denotar esse sentimento de pequenez e desencantamento, mas se coloca diante do mundo e admite a necessidade do outro. Em “Da subjetividade da linguagem”, Émile Benveniste (1991) explica que a consciência de si mesmo,

⁷ “A solução (para o complexo de Édipo) começa com o desaparecimento do ódio para com o pai. A chave para esse desaparecimento é a *identificação*, um processo pelo qual o menino trava uma relação íntima com o pai. Em linguagem psiquiátrica, identificação significa incorporação dentro de si mesmo dos traços, personalidade e caráter de outra pessoa.” (MEZER, 1978, p. 33).

⁸ A expressão “gauche” faz referência ao poema *O Albatroz* de Baudelaire.

⁹ “Sublimação, como já foi dito aqui, significa simplesmente tomar um caminho intermediário, entregando-se de ambos os lados do conflito. (...) Nessa solução, as duas partes conflituosas de sua personalidade estão igualmente envolvidas: a hostilidade é satisfeita e o superego é apaziguado – seu mundo está tranqüilo.” (MEZER, 1978, p. 47 – 48, adaptado).

ou seja, o “eu” ocorre em oposição ao “tu”, assim, a sociedade preexiste ao indivíduo, o qual só se destacaria dela à medida que, na referida oposição, adquirisse consciência de si mesmo, como se vê nos seguintes versos.

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo.
Por isso me grito,
por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos
(ANDRADE, 2005, p. 75).

Nos versos acima, nota-se que a poética é ainda uma tentativa de autoanálise, de sublimar por meio da arte, a dor de estar no mundo. Por isso, o eu lírico reafirma, por meio da repetição, a importância do fazer poético e da relação com o outro para seu equilíbrio psíquico, “por isso gosto tanto de me contar./Por isso me dispo/Por isso me grito/por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias/Preciso de todos”. No entanto, segundo Goulart (1998), no processo criativo, ocorre o recalçamento da mente profunda devido à influência do mundo simbólico, no qual o predomínio da mente de superfície está condicionado às forças deste mundo simbólico do sujeito, o que impediria o acesso à mente profunda. (GOULART, 1998, p.7) . O referido mundo simbólico é o mundo da cultura, o qual penetra o indivíduo, estruturando seus instintos e executando suas emoções, como se vê nos versos do “Poema de sete faces” e de “Mundo Grande”.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração
(ANDRADE, 2013, p. 11).

Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também a rua não cabe todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande
(ANDRADE, 2005, p. 11).

É possível, pois, perceber, nas estrofes acima, uma aproximação entre “rua enorme” e “mundo vasto”, nos quais o eu lírico expõe, paradoxalmente, o “não lugar” dos homens e de si mesmo no mundo encenado nesses poemas. Consequentemente, os homens, assim como o eu-poético, não cabem na “rua enorme” e muito menos no “mundo vasto”, pois não existe sensação de “bem-estar” no mundo, o mundo incomoda, não tem solução. Para Said (2008, p. 234), “pode-se mesmo dizer que o lirismo drummondiano deve-se não a um estado de ânimo, mas um estado de ideias, isto é, de problemas. A maneira de o poeta estar-no-mundo é problemática, conforme profetizara o anjo torto”.

Nota-se também que, no contraste entre o “coração vasto” e o “coração muito pequeno”, o eu-lírico desequilibra-se num jogo de excesso e escassez diante do mundo simbólico. Assim, a (in) capacidade do ser, mais uma vez, desnuda-se e a arte torna-se o lugar do conflito, pois, tanto a multiplicidade da personalidade do sujeito poético, que se desenha no “Poema de Sete faces”, quanto o desencantamento desse mesmo sujeito em meio ao contexto de guerra, marcado pela desumanidade das relações de poder, em “Mundo Grande”, atravessam o indivíduo no seu processo de (des) construção psíquica por meio da arte.

Nesse processo de (des) identificação com o mundo e com o outro, o eu-lírico distancia-se dos laços parentais e aproxima-se, em sua memória afetiva, da “preta velha” que lhe servia o café e, mais do que isso, representava o alento para o caos familiar prenunciado em “Infância”.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
chamava para o café.

Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom

(ANDRADE, 2013, p. 13).

À vista disso, percebe-se que o alento está representado na figura do excluído, “daquela” que “aprendeu a ninar nos longes da senzala”, mas que trazia em si a cor do “café gostoso”, do “café bom”, metamorfoseando-se na memória do eu poético como o refrigerio para a indiferença do pai que se distanciava, “lá longe meu pai campeava / no mato sem fim da fazenda” (ANDRADE, 2013, p. 13). Também da própria mãe, figura passiva diante do mundo e marcada na memória do eu-lírico, pela interdição e pelo não-dito.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo

(ANDRADE, 2013, p.13).

Na corrente das memórias da infância do sujeito poético, fica, pois, elaborada de forma contraditória a figura do outro. Entretanto, é a esse outro que o eu-lírico se dirige para falar de

sua embriaguez e é pelo olhar também desse outro que o sujeito poético conhece o mundo que o desafia e o angustia.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo
(ANDRADE, 2013, p. 12).

Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.
Entretanto alguns se salvaram e
trouxeram a notícia
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor
(ANDRADE, 2005, p. 76).

Assim, nos primeiros versos acima, do “Poema de Sete faces”, os quais são também os últimos versos desse poema, o eu se dirige a um tu, denotando a necessidade de “excesso”, de “embriagar-se” para lidar com a realidade, o que mostra, em certa medida, o estado de anormalidade do indivíduo para representar o mundo que o cerca. Já nos últimos versos, pertencentes a “Mundo Grande”, quando o eu-lírico sai de sua esfera para atingir o mundo multifacetado, percebe que é incapaz de partilhar ou de sair do seu lugar em direção a esse mundo. Assim, o eu-lírico viaja pelo mundo sem sair do lugar e conhece a grandeza desse mundo, marcado ao mesmo tempo, pela guerra (fogo) e pelas relações afetivas (amor), pelo olhar do outro.

Ao mencionar, aqui, a questão da “guerra”, citando alguns versos de “Mundo Grande”, demonstra-se o difícil desvencilhamento do poema do momento de sua publicação: 1940, fascismo, guerras, pessimismo e incerteza. A própria ditadura de Vargas e a aliança do Brasil com os EUA, na segunda guerra, deixam o “mundo grande”, calcado em sua desumanidade e em suas relações de poder. Outro fato interessante é que esse livro, como se sabe, a princípio, foi publicado em uma tiragem de 150 exemplares e distribuído apenas entre os amigos, ou seja, é uma visão “particular” e crítica do mundo compartilhada entre poucos. E é esse último acontecimento uma espécie de metáfora para a interação reduzida do sujeito poético com o outro, por meio da linguagem que atinge, definitivamente, a persona assumida pelo eu-lírico, com suas angústias e fragilidades.

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens
as diferentes dores dos homens.
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
num só peito de homem... sem que ele estale.

Fecha os olhos e esquece.
 Escuta a água nos vidros,
 tão calma. Não anuncia nada.
 Entretanto escorre nas mãos,
 tão calma! vai inundando tudo...
 Renascerão as cidades submersas?
 Os homens submersos — voltarão?
 Meu coração não sabe.
 Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.
 Só agora descubro
 como é triste ignorar certas coisas.
 (Na solidão de indivíduo
 desaprendi a linguagem
 com que homens se comunicam.)
 (ANDRADE, 2005, p. 75-76).

Como se vê, nesses versos, para lembrar, mais uma vez, Benveniste (1991), a consciência psíquica que o eu-poético adquire de si mesmo e do mundo que o cerca vem de forma dialógica, ou seja, em comunicação e contraste com o outro a quem se dirige. Assim, na primeira estrofe acima, inicia-se a “cena enunciativa”, na qual o “eu” se dirige ao “tu”, para que o eu-lírico tenha a consciência de si mesmo e do mundo caótico e angustiante por meio desse dialogismo. Já na segunda estrofe, o eu-lírico denota a sua incapacidade de comunicação diante do horror que se instaurou no mundo, “(Na solidão de indivíduo / desaprendi a linguagem / com que homens se comunicam)” (ANDRADE, 2005, p. 76). Assim, existe aqui, como afirmou Benjamin (1987), uma impossibilidade de comunicação, de “contar”, após o trauma da guerra e, não comunicar-se, torna o indivíduo incapaz de lidar com a vida, de se colocar no mundo, pois é a linguagem que fundamenta a nossa condição psíquica de sujeitos que apreendem a realidade. Dessa forma, se o eu-lírico “desaprende a linguagem”, perde o seu status linguístico de pessoa (BENVENISTE, 1991, p.7.)

Por conseguinte, conforme essa leitura, todas as faces ou papéis os quais atualizam a persona (LIMA, 2002) desse eu-lírico, então desencantado, confirmam sua instabilidade psíquica denotada pela inabilidade do indivíduo em seus relacionamentos interpessoais e pela sua necessidade de isolamento. Como mostram, novamente, os seguintes versos, que aparecem no poema “Mundo Grande”, como uma espécie de “confissão”, entre parênteses, “(Na solidão de indivíduo / desaprendi a linguagem / com que homens se comunicam)” (ANDRADE, 2005, p. 76). Entretanto, não é esse um isolamento voluntário, semelhante ao de Robinson Crusoé, como parece ser, a primeira vista, nos versos de “Infância”, “e eu não sabia que minha história / era mais bonita que a de Robinson Crusoé” (ANDRADE, 2013, p. 13), mas, como já foi dito, o distanciamento da figura do pai e o ensimesmamento da mãe provocavam a solidão que atravessou as memórias da infância do eu-poético aqui descrito. Assim, o que resta para esse sujeito é a impossibilidade de prever o que o seu mundo simbólico se tornará: “— Ó vida futura! nós te criaremos” (ANDRADE, 2005, p. 77). E, por conseguinte, é nesse último dialogismo de um verso marcado pelo travessão, que a necessidade do outro ainda se revela e a incerteza lacunar do futuro, esperado pelo eu-lírico, pendula entre o desencantamento e a esperança.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do Mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENVENISTE, G. Da subjetividade da Linguagem. In: BENVENISTE, G. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- GOULART, Audemaro Taranto. Poética e gênese literária. **Remate de males**. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n.18 (1998), Campinas, 1998.
- LIMA, Luiz Costa. Persona e sujeito ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Org) **Teoria da literatura em suas fontes**, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 955-987.
- MEZER, Robert R. **Psiquiatria Dinâmica**. Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Globo, 1978.
- PALMIER, Jean Michel. **Lacan**. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- SAID, Roberto. Nonada: Filosofia, Memória e Identidade em Drummond. In: **ALETRIA: revista de estudos de literatura**, v.18, dez 2008. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, 2008.